TRECHOS DO DIÁRIO DO IMIGRANTE JAPONÊS TAKAHIDE DAIJÓ RELACIONADOS À SUA UNIÃO COM ROSA KIGUTI

DAIJÓ, Harry Takahide, 2074624

RESUMO

Este artigo busca analisar as anotações privadas de Takahide Daijó, notadamente aquelas relacionadas ao seu relacionamento afetuoso com Rosa Kiguti, escritas entre os anos de 1933 e 1943. Para tanto, o material em formato de diário buscará o escrutínio de livros cuja temática é especialmente a imigração e a cultura japonesa no Brasil. A sujeição de trechos do documento pessoal, ao contraponto bibliográfico, poderá transmutá-lo de um mero vestígio do passado em uma legítima e destacada fonte histórica e, assim, no tempo presente, ter o seu potencial ampliado, desdobrando em outros sentidos e direções. Outrossim, poderá contribuir para a constante redação da história da imigração japonesa e fortalecimento da memória desses imigrantes no Brasil.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Cultura japonesa. Fonte histórica. História. Memória.

1. INTRODUÇÃO

A encadernação com os textos de Takahide Daijó, em formato de diário, restou preservada ao longo das décadas. Ela expõe em sua capa o dizer "Apontamento Diário" e em sua primeira página consta uma colagem com uma ilustração de Camões. Na página seguinte, a primeira linha recebe a contextualização de tempo e espaço: "Araçatuba, 14 de maio de 1933". A última página escrita é datada de 15 de novembro de 1943, alguns dias depois do navio brasileiro, Campos, ser atingido pelo submarino alemão U-170 na costa santista.

Seriam essas anotações uma fonte histórica relevante? As observações pessoais do seu autor poderiam, de alguma forma, contribuir com a história da imigração japonesa e seu desenvolvimento?

O registro material, por si só, já poderia ser considerado uma fonte histórica, afinal,

> Fonte histórica é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente (BARROS, 2019, p. 15).

A intervenção do historiador, porém, teria potencial de elevá-la; analisando a forma e o conteúdo do manuscrito e problematizando e contextualizando os registros.

Quais caminhos e intempéries essa encadernação sofreu nos últimos 90 anos? O que significa ter esse documento intacto em 2023? Esses questionamentos, afora o conteúdo relevante do material, justificariam, prontamente, uma cuidadosa análise.

> As fontes mais ricas e diretas – os arquivos privados – são, porém, socialmente assimétricas e de acesso aleatório. Seu estado de conservação é tão aleatório quanto as possibilidades de consulta. É necessário que haja um abrigo estável, uma devoção filial interessada em preservar a memória, uma notoriedade que transforme os papeis em relíquias, ou a curiosidade de descendentes que gostem de história ou genealogia (PERROT, 2020, p. 10).

Aliás, os diários ocupam, há tempos, um lugar de destaque na escrita da memória como genuínas fontes históricas.

> Escritos à mão, materializados em papel e tinta, os diários eternizam, em folhas amarelecidas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres, além de fantasias, medos e experiências – tudo isso são representações de um outro tempo que dão sentido ao mundo social, criando outras realidades (CUNHA, 2021, p. 253).

Ao abrirmos o diário de Takahide, logo no seu início, percebe-se, com certa facilidade, o seu intuito e propósito: “Resolvi, nesta data escriturar diariamente o pensamento e o sentimento do mesmo dia”.

Entre afazeres cotidianos como viagens, reuniões, compra e venda de insumos, plantio, manejo e colheita das lavouras, medições constantes de área, derrubada de mato, soma e subtração manual dos valores constantes em sua conta corrente no Banco América do Sul, confronto matemático entre “receitas” e “despesas” e inventário de grãos e animais, Takahide faz anotações de cunho bastante pessoal.

Justamente por suas notas transitarem em um longo período e abordarem assuntos tão diversos, o artigo se ampara naquilo que – dentro dessa rotina – recebeu atenção diferenciada do autor: o seu namoro e posterior casamento.

Trazer luz a esses dois momentos privados de Takahide tem outro apelo interessante: são raros os textos com passagens íntimas, escritos pelos primeiros imigrantes japoneses.

Para se ter uma ideia, nas mais de oitocentas páginas da icônica obra literária "O imigrante japonês, história de sua vida no Brasil", Tomoo Handa destina tão somente algumas delas ao assunto casamento e praticamente nenhuma ao namoro.

> Quem já morava algum tempo no Brasil dizia que agosto era de mau agouro, pois significa "não gostar", e o casamento então era realizado em junho ou julho". [...] Na época o padrinho arranjava o casamento falando com os pais dos noivos. À moça, tanto quanto possível, falavam somente das qualidades do rapaz. O rapaz já a conhecia de algum lugar e tinha conhecimento de sua índole através de seus pais e outros conhecidos. [...] Naturalmente, a cerimônia era em estilo japonês (HANDA, 1987, p. 243).

Também vale apontar que algumas páginas dos diários de Takahide por terem sido escritas no idioma japonês não foram analisadas para a composição desse artigo.

2. O NAMORO

"Aqui demonstra como tenho visitado Rosa[1] antes de casar-me" – surge assim, no diário de Takahide, a primeira anotação sobre Rosa Kiguti[2], sua futura esposa. Os registros transitam entre os dias 24 de julho de 1943 a 15 de novembro de 1943.

Rosa Kiguti, filha de Takesaburu Kiguti e Shim Kiguti, imigrantes vindos de Hiroshima, nasceu em 7 de março de 1915, na cidade de Cambuhy, perto de Araraquara, mas, em sua Certidão de Nascimento, consta Valparaíso, estado de São Paulo.

---

[1] Em seu diário, Takahide deliberadamente chama "Rosa" de "Yoshie". "Yoshie" é a tradução da palavra "Rosa" do português para o japonês.

[2] Em alguns documentos a palavra "Kiguti" é escrita "Kiguchi".

Ela tinha pouco mais de 28 anos de idade quando falou, pela primeira vez, com Takahide. O encontro ficou registrado nas linhas do diário dele: “no dia 28 de junho fiz primeira visita, perguntando se poderia costurar uma camisa. Disse-me que pode, mas, que eu precisaria levar amostra”.

Parecia um encontro casual, banal, não era. Takahide, àquela altura, tinha recém completado 40 anos de idade e sabia o que queria.

Merece consideração a lembrança de que no início dos anos 1940 a segunda guerra mundial já estava acontecendo. De acordo com a “Linha do Tempo” – apresentada no livro “Nippon: 100 anos de integração Brasil-Japão” – o relacionamento entre o Brasil e o Japão vivia momentos difíceis.

> 1939 – Um grande número de imigrantes retorna ao Japão devido à perseguição no Brasil [...] 1941 – Proibição da publicação de jornais em japonês. É proibida a distribuição e projeção de filmes japoneses no Brasil [...] 1942 – Brasil declara guerra à Alemanha e Itália, cortando relações diplomáticas com o Japão. Congelamento dos patrimônios pertencentes aos povos de nações inimigas. [...] 1943- Tem início um processo de remoção de japoneses das regiões litorâneas. [...] 1945 – O governo brasileiro declara guerra ao Japão (CCIJ, 2008, p. 135).

A segunda conversa aconteceu no dia 31 de julho de 1943 quando Takahide visita Rosa, buscando informações sobre as condições para aprendizagem de corte e costura. “Disse ela que cobraria Cr$ 130,00 como pensão e mais Cr$ 180,00 até acabar de aprender, o que levaria cerca de três meses”. Por que Takahide fez essa consulta? É de se supor que ele não estava realmente interessado no curso, mas, no contato com a professora/costureira.

As conversas foram acontecendo com ritmo, com cadência. Foi no sétimo encontro, no dia 28 de agosto de 1943 que Takahide tomou coragem e entregou a Rosa uma carta. No diário ele não apresenta, de imediato, o seu conteúdo.

Vaidoso, Takahide faz questão de anotar que no oitavo encontro estava trajando e calçando terno e sapatos novos “adquiridos em São Paulo”.

Na verdade, Takahide se vestia muito bem. São várias as passagens em seu diário onde ele faz menção aos trajes que comprou e usou. Ele não faz menção a qualquer tipo de status ou elevação de condição social, mas cita regularmente sua vestimenta. “Foi muito tempo depois que chegaram ao Brasil

que os imigrantes japoneses começaram a tentar embelezar o interior da casa ou a usar roupas que correspondessem ao seu gosto”. (HANDA, 1973, p. 388).

No décimo encontro, surge um diálogo esclarecedor sobre a tal carta entregue dias antes por Takahide a Rosa: “Rosa me perguntou se era verdade o que estava escrito na carta. Sim. Há inconveniente em estabelecer família comigo? Não”. E o diálogo continuou:

> “Quantos irmãos têm acima do seu irmão? Três. Dois casados e eu (dirigi essa pergunta para saber a idade). Não sei se ainda é preciso perguntar aos pais. Pergunte então amanhã mesmo. É difícil falar sobre isso. Diga aos pais assim: ‘Sr. Daijó vem à nossa casa repetidas vezes, penso que ele está procurando conhecer-me. Se ele quiser, eu poderia casar com ele’? E quando seus pais disserem: ‘Por que pergunta isso’? Dirá a eles que é necessário estar preparada para uma pronta resposta. E Rosa assumiu essa tarefa”.

Eles combinaram de se encontrar no mesmo local, no dia 23 de setembro de 1943. No momento do encontro, Rosa demonstrou preocupação ao perguntar a Takahide “se ele não iria que chorar mais tarde”, se arrepender, ao que ele prontamente respondeu: “Certamente não”. Ele, mais maduro que ela, tentou acalmá-la: “isso acontece por falta de conhecimento pessoal e que depois de muitos encontros perderá o medo”.

O diálogo, aparentemente simples, traz consigo algo importante. Existia uma tradição entre os japoneses, conhecida como “a devolução da esposa”. No artigo “Costumes matrimoniais entre japoneses e seus descendentes no Brasil”, Lúcia Wollet de Mello aborda esse tópico.

> A nubente passa, então a viver com a família do marido. Mas, se o casamento fracassar (e há motivos previstos pelos quais se pode considerar um matrimônio fracassado, autorizando o divórcio), haverá o *ku fu ni wan*, “a devolução da esposa”. Para isso, os cônjuges assinam uma declaração de não mais pretenderem continuar vivendo juntos [...] A mulher volta então para a casa dos pais e espera nova oportunidade de contrair núpcias (MELLO, 1960, p. 146).

E o namoro progredia. Tudo parecia correr bem, mas, um movimento pouco certeiro foi apontado por Takahide. Ao convidar Rosa para ir ao cinema, recebeu uma negativa. Mesmo assim, ele não se fez de rogado e foi ao cinema com três moças.

> “Rosa recusou de ir. Nesse dia, na hora de ir ao cinema estava chuviscando, mas, mesmo assim resolvemos ir. Eu e mais três moças. Fita não era muito boa, mas, estivemos animados por estarem juntas numerosas moças. Ao sair, entramos no bar e tomamos algumas garrafas de Caxambu. Ficamos conversando até 22h00. Eu paguei cinema e Caxambu”.

Uma das moças presentes naquela sessão de cinema nutria um interesse amoroso por Takahide. Ele fez o registro (envolto em mistério): “X me deu um coração”. No dia seguinte, inclusive, Takahide viajou com “X” até Machado de Melo onde se despediram. No diário não fica claro se tal despedida estava relacionada àquele encontro ou se era uma despedida definitiva, para sempre. “19/09/1943 – Andamos pela cidade e às 10h00 despedi das duas que iam para Guararapes. Eu fiquei com X. Viajamos juntos até Machado de Melo. Despedi-me dela”.

No dia 17 de outubro de 1943, quase um mês depois da ida ao cinema, a intimidade do casal estava sensivelmente incrementada. Ele escreveu:

> “Às 22h00 fui à procura de Rosa. Cortei com gilete fita que prendia a porta do quarto em que Rosa dormia e abri devagar a porta. Ao abri-la, saltava da mesma porta sons riscantes. [...] Entrei devagar e fechei a porta. Depois acendi a luz elétrica e olhei embaixo da cama. Tinha dois litros contendo alguma coisa. [...] Tirei o paletó devagar [...] depois toquei na Rosa para acordar. Tirei botinas e pus ao lado do paletó, em cima do jornal. Rosa acordou e se sentou do meu lado”.

Naturalmente, as tratativas para um eventual casamento começaram a ocupar mais espaço. Em determinado momento, Takahide descreve uma caminhada ao lado de Rosa. Sendo um dia frio, ele oferece para ela o paletó. Ela aceita. Durante o trajeto – eles estavam indo até a casa do Okamoto[3] – conversaram sobre a possibilidade de alugarem uma casa. Um sinal bastante claro de que, àquela altura, o casamento era realmente bastante provável.

É interessante observar que Rosa era uma mulher moderna para o seu tempo. Existem indícios. Por exemplo: com quase trinta anos de idade, ela ainda era solteira e, além disso, exercia uma atividade profissional regular (era costureira e professora de corte e costura). A propósito, “o corte e costura era

[3] Kiyoto Okamoto, nascido em 10 de março de 1907, chegou ao Brasil em 20 de setembro de 1928 e casou-se com Ayako Kiguti, irmã mais velha de Rosa. Tiveram seis filhos: Mario, Yoshio, Kunio, Massaiyki, Massaro e Maria.

uma educação imprescindível às moças do Japão, pelo que, também mais tarde, surgiram escolas de corte e costura em cada uma das aglomerações de imigrantes". (HANDA, 1973, p. 388).

Takahide, em seu manuscrito, não faz considerações explícitas sobre essa condição vanguardista de Rosa, mas, é perceptível em suas notas outros gestos e ações que confirmam postura.

"No dia 18 de outubro de 1943 fui à casa de Okamoto à procura de Rosa. Ela já tinha ido para Araçatuba". Ela havia viajado sozinha, partindo de Valparaíso. O diálogo entre Takahide e Okamoto é singular. Takahide pergunta a Okamoto o que Rosa foi fazer, ao que ele responde: "compras diversas: guarda-roupa e outros". Takahide fica preocupado: "Não é necessário gastar o dinheiro do pai ou do irmão. Convém deixar o dinheiro guardado para quando precisar". Takahide pede a Okamoto que diga isso a Rosa. "Sim, quando ela voltar", responde ele.

No mesmo dia Takahide vai para Araçatuba. Teria ido atrás de Rosa? Um ponto relevante, porém, ficou anotado: a necessidade, naqueles tempos, de o imigrante japonês ter que se dirigir a uma delegacia de polícia para solicitar o Salvo Conduto. Anotou: "No mesmo dia fui à Delegacia com o feito de viajar para Araçatuba; passar visto no Salvo Conduto. Não aceitaram por falta de protocolo da carteira de identidade".

À noite, especialmente por não ter conseguido ir para Araçatuba, Takahide começa a ligar para os hotéis onde, provavelmente, Rosa estaria hospedada. "Hotel Matsumoto, N° 120; Hotel dos Viajantes, N° 101, Hotel Avenida, N° 24. Não pude descobrir" – escreveu.

> "Pensei que tivesse ido para o cinema e telefonei de novo, mas, não a achei. Pedi ao Geraldo, do Hotel Avenida, que a encontrando, dissesse que ela aparecesse no telefone central da cidade para conversar comigo. Já ia passando das 21h00 e resolvi então falar com Rosa no dia seguinte".

No dia seguinte, o persistente Takahide foi até a estação de trem à procura de Rosa. Não a encontrou. Chegou a entrar brevemente em um dos vagões e reconheceu três alunas de Rosa. "Voltei para o outro lado onde as três alunas de Rosa estavam à espera dela – que é professora de costura.

Esta vez se achavam ali, na realidade, numerosos alunos que pareciam ser todos dela”.

Nesse ambiente de desencontro Takahide só foi revê-la novamente no dia 20 de outubro. “Segundo informação da minha irmã, Yoshiko[4], Rosa voltou ontem à noite”.

A busca pela casa ideal a ser locada continuava, “fomos ver a casa que pretendíamos alugar para nossa moradia, acompanhados da irmã de Rosa, Misao”. Mas, o imóvel ideal não parecia ser fácil de encontrar. “Resolvemos não alugar a casa”.

Nesse meio tempo, Takahide tenta conhecer melhor Rosa, inclusive buscando conversar com o futuro sogro, Takesaburo.

Especialmente para aqueles imigrantes que estavam convencidos em permanecer no Brasil, o status social que a família emigrada usufruía no Japão tinha pouca ou nenhuma relevância.

> Tendo emigrado para o Brasil, “quase” deixa de ser questionada a condição social da família no Japão, uma vez que todo mundo veio para cá apenas com a cara e a coragem. O que importava era saber se o moço era ou não capaz. E a avaliação dessa capacidade dependia da situação em que se encontravam as pessoas envolvidas (HANDA, 1987, p. 299).

Mesmo assim, Takahide gostava de conversar com o seu sogro sob a sua ancestralidade. “Fomos, eu e Rosa, à casa do pai dela a fim de saber a identidade dos seus antepassados”. Durante o trajeto Takahide encontra Terada (sua futura cunhada). “Contou-nos que os pais estavam trabalhando na roça, perto do mato. Entreguei uma garrafa de pinga a Rosa – para presentear o pai. Conversamos todos juntos, eu, Rosa e seus pais, até 21h15”.

Muito provavelmente pelo fato de ser mais velho, mais vivido e relativamente bem-sucedido, Takahide não registra em seu diário qualquer dificuldade na relação com o seu futuro sogro e sua futura sogra. Nesse contexto, inexiste, portanto, a figura do “nakôdo”.

> O papel do nakôdo consistia em convencer o pai da moça ou o chefe de família. Para tanto, além dos elogios rasgados à pessoa do rapaz,

---

[4] Yoshiko Oshiro, irmã de Takahide Daijó, nascida em Okinawa-Ken, em 14 de setembro de 1920, casou-se com Shintio Ishigaki. O casal teve quatro filhos: Jorge, Mario, Julia e Marisa.

> garantia que a família ficaria na mesma situação de antes do casamento, ou quiçá em melhor situação. É claro que se o rapaz fosse muito prometedor não havia pai que não concordasse com o casamento ou, até mesmo, que não tomasse a iniciava de propô-lo (HANDA, 1987, p. 299).

Além de inexistir o “nakôdo”, também era de se supor que o Sr. Takesaburo não fazia oposição ao relacionamento de sua filha com Takahide, afinal, “do lado dos pais das moças, imaginava-se que estabilizariam rapidamente suas vidas casando-as com quem de uma forma ou de outra fora bem-sucedido no Brasil”. (HANDA, 1987, p. 302).

E o namoro segue.

Um dos poucos instantes de carinho explícito, nesse momento de suas vidas, foi registrado por Takahide da seguinte maneira: “descemos abraçados até a esquina. Ficamos brincando e conversando até as 23h00. Levei-a até a entrada de sua casa. Rosa ergueu os braços antes de entrar na casa e eu correspondi”.

Com a data do casamento se aproximando, Takahide pediu ao futuro sogro os documentos pessoais dele e de alguns familiares para as diligências administrativas exigidas em tempos de guerra.

> “Fui à casa de Rosa para entregar-lhe os documentos de identidade da família do seu pai. Entreguei-lhe os quatro documentos que tinha me emprestado. Tomando emprestado, ao mesmo tempo, um cartão de Salvo Conduto e Certidão de Registro (emitida pelo Cartório de Paz da cidade natal do pai de Rosa”.

Takahide, nesse momento, imaginava ser possível efetivar seu matrimônio no dia 13 de outubro – tanto assim que faz menção a essa data quando calculou a diferença de idade entre os nubentes. Também é clara a preocupação que ele tinha com a diferença da sua idade para com Rosa. Imaginou que se o casamento se efetivasse, por exemplo, no dia 13 de outubro de 1943, “a diferença de idade” – anotou – “será de 11 anos, 8 meses e 22 dias. Eu com 40 anos, 3 meses e 28 dias e Rosa com 28 anos, 9 meses e 6 dias”.

De acordo com os registros de Takahide, apesar de moderna e decidida, Rosa demonstrava certa meiguice, certa brandura, como por exemplo, na passagem em que ele a encontra chorando.

> “...encontrei Rosa entre a rua e a estação de Valparaíso. Estava vindo da sua casa para o dentista. Parecia que ela tinha chorado muito. Perguntei se tinha chorado. Ela disse que sim. Por quê? Perguntei. Porque mamãe ficou brava. Por quê? Rosa não me contou mais nada”.

Mas, como acontece em inúmeros romances, nem tudo eram flores. Num determinado dia, por exemplo, o casal caminhava lado a lado e algo não estava bem, não estava equilibrado. Takahide então pergunta: “Você tem vergonha de andar junto?”, ao que Rosa surpreendentemente responde: “Tenho”. A surpresa não para por aí. Takahide responde simplesmente: “Então até logo! Sayonara!” E vai embora. Sozinho. Um gesto ríspido e inimaginável, imortalizado em sua escrita.

Em termos gerais, porém, as coisas seguiam seu ritmo. Todavia, uma mudança de rumo aconteceu no dia 28 de outubro de 1943. Foi quando Takahide informou a Rosa que ele tinha ido até a Segunda Colônia (fazenda da qual era proprietário) e mandou os moradores desocuparem a casa para que o futuro casal pudesse tomar posse. Dito de outra forma, eles não ficariam na cidade e sim no campo.

A Segunda Colônia ficava no chamando “Km 50” e o morador que precisou desocupar a casa chamava-se Sato. A estadia nessa casa pretendia ser provisória. Tanto assim que Takahide destaca: “Contei aos pais de Rosa que pretendíamos morar no Km 50 até que conseguíssemos alugar uma casa em Valparaíso”. O que era para ser provisório, destaque-se, provou-se praticamente definitivo. O casal residiu nesse imóvel por muitos anos.

3. O CASAMENTO

No dia 13 de outubro de 1943 não se casaram, como outrora era uma hipótese, mas, fizeram o solene comunicado e fixaram a data do casamento. O anúncio foi feito para algumas pessoas próximas em uma espécie de encontro. “Achavam-se reunidos Okamoto, os irmãos de Rosa, Terada e

Sadami[5] (esse acompanhado de sua esposa, Harumi[6]), além do pai e da mãe de Rosa e, ainda, um outro homem, para mim desconhecido, chamado Hashimoto".

Com o amigo Okamoto, Takahide discutiu o evento:

> "Combinamos que realizaríamos a solenidade na casa de Rosa, pela manhã, entre 09 e 10h00. Iríamos eu, Sato e Yano às 09h00 à casa de Rosa e às 10h00 partiríamos para o Cartório de Paz – onde nos casaríamos legalmente e depois, em seguida, iríamos para o Km 50 de trem ou caminhão".

A organização e os preparativos continuavam. "Às 17h30 tiramos fotografia em frente e nos fundos da casa de Rosa" – escreveu. Também a aquisição dos móveis que iriam servir ao casal: "Fui às 18h30 à casa de Rosa. Sentamo-nos na sala, eu, Rosa, Sadami (irmão dela), sua esposa e Misao. Ficamos conversando sobre a aquisição dos móveis e utensílios para a cozinha".

Em paralelo às questões materiais, Takahide conversa com Rosa sobre a possibilidade de formalizarem a união também na igreja. "Falamos sobre a pretensão de arranjar os padrinhos e solenizar na igreja depois de passar no Cartório de Paz". Apesar de ser batizada, Rosa não quis. "Rosa contou que ela foi batizada há cerca de cinco anos, sendo padrinho o Sr. Mello (genro do dono da Casa Milaneza[7] de Valparaíso), sendo madrinha a noiva de Lauro Camargo (chefe do cartório do 1° Ofício de Valparaíso)".

> Nos meios rurais, mesmo já na época dos nisseis realizam-se cerimônias japonesas de *san-san-kudo*, em que os noivos trocam as taças de saquê e o bebem em três goles, e utai (entoação de cântico cerimonioso), mas nas cidades 80% ou mais das cerimônias são realizadas nas igrejas. E delas, em São Paulo, por exemplo, a absoluta maioria pelo ritual católico (HANDA, 1987, p. 304).

A festa de casamento, igualmente, precisou se sujeitar aos efeitos colaterais dos tempos de guerra. Takahide conta para Rosa que "pretendia realizar a festa na Segunda Colônia de acordo com a instrução do delegado

---

[5] Sadami Kiguti casou-se com Harumi e faleceu em Foz do Iguaçu no dia 13 de novembro de 1975. Foi sepultado no Templo Kinkkuji do Brasil, Itapecerica da Serra, São Paulo.

[6] Harumi Kiguti nasceu em Sertãozinho no dia 08 de abril de 1922 e faleceu em São Paulo no dia 24 de maio de 2008. Com Sadami teve uma filha de nome Catarina Kiguti Kojima.

[7] Há dúvidas se o autor escreveu: "milaneza, milonga ou milanza".

de Valparaíso, Dr. Ely Mourão, qual seja, reunir no máximo 10 pessoas e não falar absolutamente nada em japonês".

Em um desses encontros preparatórios, a mãe de Rosa conversou com Takahide sobre a ritualística tradicional desse evento no Japão. Ele anotou: "contou-me como soleniza, habitualmente, o casamento no Japão". Também nessa noite Rosa disse para ele que o seu pai havia optado em ir de caminhão e não de trem de Valparaíso para Mirandópolis; pois, "assim fazendo, poderiam ficar lá na Segunda Colônia, até hora conveniente e poderia voltar na hora que quisessem" – anotou.

Após a decisão do seu sogro, Takesaburo, de ir de carro e não de trem, Takahide precisou, também, conquistar outra permissão. Ele anotou: "fui adquirir licença junto à Delegacia".

Às vésperas do casamento, Takahide tinha mapeado detalhadamente sua expectativa – como uma espécie de roteiro, de cerimonial:

> "Eu esperaria no hotel São Paulo, possivelmente no quarto N° 2 e partiríamos às 09h00 para a casa dos Kiguti. As 10h00 seguiríamos para o Cartório de Paz e às 10h45 pegaríamos o trem. Às 13h00 estaríamos prontos, à mesa, onde ficaríamos da 13h00 até as 16h00. Devendo às 16h00, portanto, voltar à Mirandópolis (embarcando no trem das 17h00)".

Também assumiu papel de destaque no evento, o seu irmão, Mansuke[8]. "Se achava em Segunda Colônia Mansuke em preparo do casamento. Combinamos que Mansuke presidiria o preparo do casamento". Também exerceu papel relevante Kumata Yano e Juhei Sato.

4. O GRANDE DIA

No dia 13 de novembro de 1943 Takahide acordou às 06h00, tomou banho e foi ao encontro de Sato. Combinaram de estarem prontos às 08h30. Takahide buscou seu terno azul, que ainda estava na tinturaria e encontrou tempo para comprar pratos (rasos e fundos), garfos, colheres e facas que estavam faltando para o evento. Aproveitou e comprou um pijama novo.

---

[8] Mansuke Oshiro, era um pouco mais novo que Takahide. Nascido em 1905, casado com Kami, teve quatro filhos, Kemmitsu, Kenji, Marina e Kenjo.

“Entrando no quarto N° 11 do hotel vesti-me com o terno azul marinho escuro, camisa branca e borboleta preta e junto com Sato e sua esposa fomos. Chegamos às 09h00 em ponto na casa de Yoshie. Estavam ali umas cinco pessoas. Junhei Sato orientou a solenidade. Erguemos os copos à nossa saúde e às 10h20 partimos de automóvel para o Cartório de Paz” – escreveu. Talvez o “erguer os copos” teria sido uma espécie de *san-san-kudo*? Ficou a suspeita, uma vez que não ficou claramente anotado por Takahide tratar-se do gestual perfeitamente alinhado ao cerimonial tradicional japonês.

No Cartório de Paz, um imprevisto. Uma de suas testemunhas não compareceu: Kumata Yano. Foi prontamente substituído por Mine Matsu, residente em Valparaíso.

“Lido e passado de acordo com as formalidades, assinamos, partes e testemunhas. Eram 11h00. O chefe do Cartório de Paz se comprometeu arranjar-nos às 12h00 a Certidão de Casamento”. Pela anotação hora a hora, percebe-se, além do preciosismo de Takahide, uma vontade de detalhar ato por ato, dentro do seu respectivo movimento no tempo.

Após a cerimônia se dirigiram ao estabelecimento Foto Kato para tirarem a tradicional fotografia. Partiram de caminhão às 12h30 de Valparaíso para Mirandópolis e chegaram às 14h00. “Tomamos sorvete em pauzinho e chegamos à Segunda Colônia às 15h00”, anotou.

Takahide deve ter ficado orgulhoso ao perceber que tudo corria bem e que seus amigos estavam ali para ajudar, anotou o nome daqueles mais importantes: “estava tudo completamente preparado. Vieram para ajudar: Mansuke, Taira, Haike, Shintyo, Tuokó, Maedo e Seiei”.

A ritualística japonesa, apontada em detalhes dias antes pela sua futura sogra, foi, dentro das possibilidades, cumprida. “Realizamos solenidade de acordo com o costume original, no quarto da nova casa às 15h40. Junhei Sato cantou duas vezes. Às 16h00 ficamos enfileirados na mesa e eu cumprimentei, primeiro Mansuke, depois Taira, em terceiro Maedo e em quarto Sato. Projetamos fotografia às 17h00 e nos reunimos de novo às 18h00”. Os convidados da noiva também partiram no final da tarde, retornando a Valparaíso. Em seu diário não fica claro se aconteceu ou não o as-san-kudo (troca entre os noivos de cálices com saquê).

Uma cena bucólica também ficou anotada: “As crianças brincavam. Empurramos o caminhão até decida e ele pegou no tranco”.

Takahide anotou os nomes dos presentes ao evento: “Takahide, Yoshie, Junhei Sato e esposa, Haruji Minematsu, Mansuke, Towa, Yoshiko, Kametano Taira, Yoshitano Maedo, Seiei Tamae, Haiki Tamae, Shintyo Arakaki, Tyoko Adamiya, Takesaburo e Shin Kiguti, Misao, Okigawa, Kawamoto, filha de Tatemoto e guarda do Km 50 e sua esposa.

5. O DISCURSO DE TAKAHIDE DAIJÓ

Outra anotação de destaque no diário de Takahide refere-se às palavras que proferiu aos convidados no dia do seu casamento. Por ser mais velho, ele já tinha 40 anos de idade, sentiu a necessidade de fazer um belo discurso.

> “Não há nada melhor do que realizar a festa do próprio casamento, rodeados de amigos e parentes que me cabe agradecer. Agradecer aos presentes que compareceram, apesar das preocupações cotidianas, para festejar o nosso casamento. Os intermediários de nossa liga conjugal foram: Junhei Sato (pai do antigo dono do Hotel São Paulo) e Kumata Yano (ex-presidente da Confederação de Associações Japonesas de Valparaíso) que nos prestaram inúmeros esforços em concluir laços de noivado, solenidade no Cartório de Paz de Valparaíso e este festejo na minha propriedade na Vila de Mirandópolis. Pelo que não é necessário dizer que sou devedor dos dois referidos senhores. Minha vida de solteirão tem sido amarga como café sem açúcar, escura como noite sem luz, impedido de andar como automóvel sem gasolina. Doravante, já está constituída a nova família, minha vida tornar-se-á mais segura e agradável, transformando-se de ontem para hoje de café amargo para café doce, com açúcar; de escuridão de noite sem luz para madrugada com dia nascendo, com sol levantando-se; de automóvel sem gasolina, impedido de andar, para automóvel completamente equipado, com abundância de gasolina e correndo muito por boas estradas”.

Ter finalmente encontrado a mulher ideal significava muito para ele. Seguramente Takahide imaginava que a sua futura esposa contribuiria significativamente para o seu progresso (não só individual, mas, coletivo). As mulheres exerciam papel relevante naquela sociedade. Eram vistas e respeitadas como partes protagonistas na estabilidade e progresso das famílias.

> [...] as moças representavam importante fator econômico no trabalho agrícola, sendo valiosíssimo o seu auxílio na economia doméstica,

> no acúmulo de riqueza, na própria ascensão social do grupo familial, permitindo à família passar do status de colono ao de pequeno sitiante (MELLO, 1960, p. 147).

Não que Takahide fosse um colono. Não era. Quando do seu casamento ele já gozava de certo status, não só perante a colônia japonesa, mas, também, na sociedade em geral.

Um dos exemplos foi a citação expressa do seu nome na "Campanha da Caridade, pró-conclusão das obras do novo pavilhão da Santa Casa" de Araçatuba. A campanha foi veiculada em vários jornais impressos e de cartazes colados nas ruas. A ação aconteceu em meados de fevereiro de 1936 (sete anos antes do seu casamento com Rosa). Naquela oportunidade, conforme consta no documento, várias autoridades das colônias portuguesas, italianas, lideranças de vários distritos, autoridades políticas e eclesiásticas foram citadas. Representando a colônia japonesa apenas quatro pessoas: Anze Molize, dr. Yempei Kikuchi, Taizi Ohara e Takahide Daijó. Sem dúvida, um sinal de destacada posição social.

Também no livro "Mirandópolis, sua evolução no século XX" de autoria de Alcides Falleiros, há menção clara e inequívoca sobre a condição de Takahide.

> Por volta de 1937, a Santa Casa de Araçatuba transferiu ao japonês Takahide Daijó os terrenos que recebera por doação do Senador Miranda. Daijó fez, então, algumas tentativas de reerguimento da já decadente povoação de Mirandópolis, não obtendo êxito. Os terrenos que antes faziam parte do plano de loteamento urbano foram anexados às propriedades agrícolas vizinhas (FALLEIROS, 1960, p. 71).

Continuando com o discurso proferido em seu casamento, temos o último parágrafo.

"Neste início de nossa vida de casado, onde temos o consenso da autoridade e pessoal de confiança à nossa volta quer formular os meus desejos de trabalhar: em primeiro lugar em favor da minha segunda pátria que é o querido Brasil; em segundo lugar em benefício público e em terceiro lugar em favor da sociedade em que figuro ou onde me achar no futuro".

6. A NOITE DE NÚPCIAS

O diário de Takahide oferece o fragmento de maior intimidade do casal ao descrever, em poucas linhas e com perceptível sutileza, a noite de núpcias. “Ficamos conversando até as 21h00 e nós, eu e Yoshie, fomos dormir. Os outros ficaram conversando até as 21h30. Eu estive acordado até as 23h00. Já era meia noite. Yoshie era Santa Virgem”.

No dia seguinte, cedinho, a vida já voltava ao normal.

“Levantamo-nos às 05h00 e trabalhamos arrumando a mesa onde se achavam diversos pratos espalhados. Às 09h00 almoçamos e às 13h00 acabamos de arrumar totalmente as coisas que estavam na sala”.

“Terminando janta, estava escuro. Tomamos banho quente e nos deitamos sem fazer outra coisa. Abraçados estivemos às 20h30 e às 02h00”.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de fonte histórica, mutante, foi se tornando cada vez mais amplo e complexo, especialmente porque, na prática, a capacidade do historiador de interpretar as inúmeras matérias-primas trazidas à luz também se alargou.

Ler o manuscrito de Takahide e perceber o seu respeito pelo Brasil, pelo Japão, por sua esposa e a sua preocupação com a descendência; constatar o seu anotar dedicado de nomes e sobrenomes, datas e horários é, além de inspirador, especial.

É muito intrigante imaginar Takahide, com aproximadamente 35 anos de idade, ainda na primeira metade do Séc. XX, iniciando sua escrita diária. Comprou uma caneta, um caderno e começou a imortalizar voluntariamente o seu cotidiano. Grafou as páginas em português e algumas vezes em japonês com planejada intencionalidade; afinal, quem iria ler esse material? Em que tempo e em quais circunstâncias?

Ter acesso ao diário desse imigrante japonês é, portanto, uma oportunidade. Um privilégio em inúmeras frentes, não só pelo seu conteúdo, mas, também, por compreender que para tê-lo aqui, agora, exigiu-se muito zelo e consideração. Só sucessores muito atentos poderiam proporcionar esse tipo de cuidado. Os filhos de Takahide e Rosa, Harry e Zilah – cujos respectivos nascimentos também ficaram registrados em um dos seus diários – foram, portanto, responsáveis por trazer em bom estado essa matriz.

Destarte, ao aproximarmos esses trechos do diário de Takahide a alguns relatos e bibliografias, encontramos uma fonte histórica de grande beleza e relevância.

Mantendo-se o artigo focado no relacionamento íntimo e deveras confidencial do casal – passando por detalhes do namoro, do casamento e até mesmo da noite de núpcias – e sendo essa ótica algo pouco usual nos textos relacionados aos imigrantes japoneses, restou evidenciado que esse ângulo da história dos japoneses no Brasil merece ser mais profundamente desbravado e seus desdobramentos com mais qualidade compreendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAI, J. **Viajantes do sol nascente**. São Paulo: Editora Garçoni, 2003.

BARROS, J. D. **Fontes históricas, introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2019.

CCIJ. **Comissão do Centenário da Imigração Japonesa Rio de Janeiro**. Nippon, 100 anos de integração Brasil-Japão. São Paulo: Editora JBC, 2008.

FALLEIROS, A. **Mirandópolis, sua evolução no século XX**. Três Lagoas: Gráfica Dom Bosco, 1999.

HANDA, T. **O imigrante japonês, história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda., 1987.

MELLO, L. W. de. **Costumes matrimoniais entre japoneses e seus descendentes no Brasil**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 145-151, 1960. https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1960.110407

PERROT, M. **História da vida privada, da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

SAITO, H.; MAEYAMA, T.; HANDA, T. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Editora Vozes Ltda. e Editora Universidade de São Paulo, 1973.

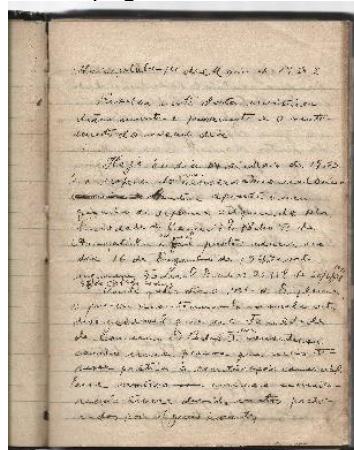
SILVEIRA, J. S. **II Guerra: Momentos Críticos**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 1995.

SMITH, R. J.; SAITO, H.; MAEYAMA, T.; CORNELL J. B. **The japanese and their descendants in Brazil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1967.

ANEXOS

Anexo 1: Capa do diário de Takahide Daijó e primeira página com a colagem de Camões

Fonte: Arquivo pessoal de Takahide Daijó (1933)

Anexo 2: Primeira página do diário de Takahide Daijó

Fonte: Arquivo pessoal de Takahide Daijó (1933)

Anexo 3: Foto de Takahide Daijó (12/05/1935) e de Rosa Daijó (sem data definida), ambas encontradas no interior do diário de Takahide Daijó

Fonte: Arquivo pessoal de Takahide Daijó